Cenas primitivas: ponto-de-vista do passe

Marc Strauss

A "cena primitiva" é uma das representações mais conhecidas da psicanálise, quase tão característica quanto o divã. Freud foi o primeiro a lhe dar grande atenção, especialmente na observação do *Homem dos Lobos*,[1] no quadro de seu debate com Jung.

Cinco anos depois, em 1919, Freud consagrou um artigo a uma outra cena, a representação *Bate-se numa criança*.[2] Essa segunda cena, cuja importância sempre foi afirmada pelos psicanalistas, teve, no entanto, um destino bem diferente, com uma notoriedade menor. Ela é freqüentemente evocada nos escritos teóricos, da mesma forma que se apresenta na clínica, do mesmo modo como Freud a tinha observado, quer dizer, isolada, cortada do resto das associações e das elaborações.

O que aconteceu com essas duas cenas na experiência analítica, a partir do testemunho dos passantes? Essa questão, assim como a de sua articulação, já teria toda a sua legitimidade doutrinal, em decorrência da importância de cada uma, mas é a experiência efetiva do cartel do passe que leva a colocá-la.

Com efeito, é notável, e até mesmo espantoso, constatar nos testemunhos dos tratamentos, tais como são transmitidos pelos passadores, a existência de cenas, em número cada vez mais limitado, e que poderíamos dizer paradigmáticas da posição do sujeito. Parece mesmo que, quanto mais uma análise foi longe, mais o número de tais cenas é restrito, chegando, algumas vezes, a se reduzir a uma única cena. Assim, no cartel, não é raro identificar o passante por essa cena, da mesma forma que dizemos o "Homem dos Lobos"[3], o "Homem dos Ratos"[4] ou o "Homem do jogo de adivinhação".[5]

É um fato, essa simplicidade se encontra em todos os casos que o cartel teve, não de conhecer, mas de debater, quer dizer, os casos em que a nomeação de AE não estava excluída, à primeira vista. O ideal seria, é claro, poder retomar os testemunhos, um a um, para interrogar as cenas, seu estatuto e sua variedade junto ao que conhecemos das estruturas subjetivas. Os imperativos de discrição impedem de tornar público esse trabalho de detalhe que seria, indubitavelmente, frutífero. Dito

[1] Freud. História de uma neurose infantil. (1918 [1914] / 1976, p. 13-151)

[2] Freud. Uma criança é espancada. (1919 / 1996, p. 223-253)

[3] Freud. História de uma neurose infantil. (1918 [1914] / 1976, p. 13-151)

[4] Freud. Notas sobre um caso de neurose obsessiva. (1909 / 1996, p. 157-317)

[5] Lacan. *La direction de la cure*. (1966, p. 631). N.T: Esse jogo é praticado nas ruas, geralmente das grandes cidades, incluindo-se entre as práticas marginais: Em uma mesa portátil, um homem esconde uma pequena bola sob uma de três latinhas ovais, as quais ele muda rapidamente de lugar, para que o observador diga sob qual delas está a bolinha.

isso, uma classificação dessas cenas é possível, assim como é possível retirar dela considerações, suficientemente gerais, para ordenar, a partir daí, convergências e diferenças. É assim possível, de início, distinguir essas cenas em duas grandes categorias.

A primeira pode ser relacionada ao que se chama, habitualmente, cena primitiva. É a cena pela qual se marca, se imprime para o sujeito o encontro com o mistério da diferença sexual. Numa atmosfera, sobretudo incerta, variável, o sujeito se lembra de ter sido confrontado com a falta do órgão na mulher. Como sabemos, desde Freud, essa cena só toma seu valor de sideração ao ser relacionada à castração da mãe, e esse ponto se verifica sempre nos encadeamentos significantes próprios ao sujeito. Se essas cenas permanecem bastante nebulosas, em seu conteúdo, é precisamente porque elas confrontam o sujeito a um enigma, mas não propõem nenhuma resposta a esse enigma. Desse ponto-de-vista, os testemunhos confirmam que, na cena primitiva, não se descreve o que se diz sobre ela habitualmente, não há figuração clara e precisa do coito, mas há apenas uma questão sem resposta, não há relação sexual representável. Logo, se o sexo está aí presente, é a partir do enigma de sua diferença e não de uma atividade especificada que daria conta dessa diferença.

Dizendo de outra maneira, a descoberta da diferença dos sexos e a dedução de uma ação específica, colocando-a em jogo, corresponde, nessa cena primitiva, ao encontro de uma questão e não de um saber. É o encontro de um rasgão, de um buraco no próprio saber. Em outros tempos, o sujeito teria elaborado suas teorias, suas hipóteses sobre a reprodução humana, sobre a base das trocas que ele poderia conhecer em seu meio e as satisfações que daí tinham decorrido. Sabemos, pela leitura da observação do pequeno Hans e pelo comentário que Lacan fez sobre ela, em várias ocasiões, que a identificação do sujeito ao falo imaginário representa um grande papel nessas teorias, assim como na satisfação e até mesmo na segurança que elas garantem.

De forma brutal, essas hipóteses lhe parecem em discordância com um saber que lhe escapa. É nisso que a cena primitiva é traumática. Não porque ela confronta o sujeito a uma realidade nova, diferente da que ele conhecia anteriormente, mas porque o que ele acreditava conhecer da realidade se afirma em discordância com o que ele encontra e que se afirma como não articulável, ex-sistente a seu saber. É o que diz Lacan, com todas as letras, em *O seminário – livro 11*, quando responde

à pergunta de Françoise Dolto sobre os estádios de desenvolvimento: "O mau encontro central está em nível do sexual. Isso não quer dizer que os estádios tomem uma coloração sexual que se difundiria a partir da angústia de castração. É, ao contrário, porque essa empatia não se produz que se fala de trauma e de cena primitiva"[6].

As cenas da segunda categoria são mais interessantes a desenvolver porque elas parecem tê-lo sido menos que as primeiras até o presente. São elas que permitem identificar o sujeito, nós poderíamos quase dizer, de pinçá-lo de uma forma única e característica. Diferentemente da primeira, essa cena representa uma ação muito precisa e, freqüentemente, permaneceu vivaz na memória do sujeito. Mas ele pôde não lhe atribuir, durante muito tempo, uma importância decisiva, até que sua elaboração no curso do tratamento a tenha ressaltado como tal. Como a fantasia, *Bate-se numa criança*, uma tal cena, contrariamente à da primeira categoria, não tem obrigatoriamente um conteúdo manifestamente sexual, mesmo se este último permanece enigmático, como vimos. Essa segunda cena se dá sempre como uma lembrança, na qual o sujeito esteve ativamente implicado e nunca sozinho. Um outro, um parceiro, sempre está presente, seja ele tentador, iniciador, cúmplice ou enganado. O sujeito pode ter sido o iniciador dessa ação, ter sido parceiro ou vítima, mas sempre participou ativamente dela, mesmo se ele se encontra, na própria ação, em posição passiva e até mesmo masoquista. Confirma-se, na escuta do relato do passante, que essa cena tem um valor paradigmático, exemplar da posição do sujeito, que ela resume os avatares de sua existência, apresentando-se como sua matriz originária. Por meio dos múltiplos revestimentos, travestimentos, remanejamentos que se desenrolam ao longo de sua existência, o sujeito parece ser votado a repetir a experiência, tão inexoravelmente quanto seu desconhecimento.

Além do mais, encontramos essa configuração no que é narrado sobre as circunstâncias que estiveram na origem da entrada do sujeito em análise; nos sintomas ou condutas que ele padeceu e que submeteu à análise; e, enfim, ao fim do tratamento.

A respeito dessa cena, ao fim do tratamento, duas possibilidades se distinguem, efetivamente encontradas na experiência do cartel do passe. Seja, ela está em operação sem que o sujeito saiba, numa repetição, causando desta vez a ruptura do laço analítico; seja, ao contrário, sua articulação à primeira cena, a do encontro com a diferença sexual, é decifrada e ela-

[6] Lacan. *Le séminaire – livre XI*, p. 62. Minha trad. livre do francês: "La mauvaise rencontre centrale est au niveau du sexuel. Cela ne veut pas dire que les stades prennent une teinte sexuelle qui se diffuserait à partir de l'angoisse de castration. C'est au contraire parce que cette empathie ne se produit pas qu'on parle de trauma et de scène primitive"

borada. Assim, ao entregar um saber ao sujeito, sobre o que o ligava à sua análise, opera-se uma ligação que permite a saída, tornando caduco o desejo do qual se sustentava a transferência.

Tomemos exemplos. Para o primeiro caso de figuração, um sujeito fez uma análise longa e indiscutível, que se confirmou como não desprovida de efeitos terapêuticos e produziu autênticas modificações em sua vida. O trabalho analítico esclareceu uma parte importante das coordenadas identificatórias do sujeito, correlacionadas a seu romance familiar. Para dizê-lo, de outra maneira, tomando emprestada a fórmula a Lacan, falando de Freud, o sujeito desdobrou, desenrolou o romance de seus amores com a verdade. A estrutura de ficção que é, em nosso campo, a da verdade, não é indigna de uma aproximação com o romance e, nesse momento, a função do psicanalista pôde ser assimilada à do editor. A verdade tem estrutura de ficção porque, para se articular, ela deve necessariamente passar pelo Outro. De uma só vez, o esclarecimento de seu romance individual mostra ao sujeito o lugar que ele se dava perante a demanda do Outro. Poderíamos dizer, a maneira pela qual ele interpretava a demanda do Outro, no sentido em que ele a colocava em cena e a representava, na perspectiva de sua identificação ao falo imaginário. Pelo efeito do trabalho analítico, esse lugar, ao não ser mais ignorado pelo sujeito, tornou-se infinitamente menos restritivo para ele. O sujeito tinha, assim, seguramente feito uma psicoterapia psicanalítica. Mas não é certo, no entanto, que sua posição tenha sido modificada em seu fundo ou, o que retorna ao mesmo, em sua função. Com efeito, seu trajeto tinha se limitado em colocar a ênfase sobre a demanda do Outro, o que reforça a consistência desse Outro e, por aí, a idéia de sua existência, mesmo se o sujeito o chama de desejo da mãe, mesmo que ele se submeta a ele ou se empregue em escapar dele ou, mesmo, enfim, que na seqüência do trabalho analítico ele lhe tenha interpretado as coordenadas, quer dizer, que ele as tenha enunciado, relacionando-as, nesse momento, a um objeto privilegiado, oral ou anal. Que o sujeito queira reconhecer sua participação nessa demanda, a parte que ele toma nisso, não muda nada na existência que ele concede ao Outro. Mas o Outro radicalmente Outro – a mulher por exemplo – escapa ao domínio do símbolo, ao domínio do Outro simbólico e à interpretação fálica que a ordem significante, que é aquela da demanda, dá ao sexo. É por isso que, de maneira exemplar, neste caso, o sujeito começou sua análise após uma vacilação angustiante, por ocasião de uma

atuação de sua sexualidade. Essa vacilação se manifestou, de novo, intacta, por intermédio de um pesadelo que ocorreu durante o próprio testemunho. Esse pesadelo fez efração pela cortina fálica de suas identificações observadas, mas sempre ativas, tanto sejam as identificações ideais ou as identificações ao objeto imaginário no centro de sua relação ao outro materno. Desse retorno, sobretudo feroz, do mais-além das identificações, do mais-além das interpretações fálicas de uma pulsão que permaneceu desapercebida, o sujeito não quis deduzir nada a mais do que no início; menos talvez, pois que, no início, esse mesmo ponto o tinha levado a empreender a análise, enquanto ao fim ele pensava poder se acomodar ao que estava decidido a considerar como um incidente. Certamente, mas por quanto tempo, e ao preço de quais limitações em sua vida, como em sua prática?

Estreito, mas, no entanto, essencial é o plano que separa este primeiro exemplo do segundo, porque, mais-além do objeto que ele se fazia para o Outro, foi conduzido a apreender que se transformar em tal ou tal objeto era um meio de se fabricar um Outro à sua disposição, um meio de fazer obstáculo à própria alteridade do Outro.

Esse sujeito pôde medir que ele não sabia nada sobre a mulher e que o saber no qual ele sustentava, anteriormente, seu desejo, até no exercício de sua sexualidade, era um saber fabricado de todas as peças, uma interpretação. A segunda cena se confirmou, para essa passagem, de uma importância crucial. Com efeito, o sujeito, em seu tratamento, articulou uma a outra, as duas cenas, o que o conduziu à saída de seu trabalho analítico. A primeira, a que é dita primitiva, tinha colocado o sujeito diante da constatação de que há um saber sobre o sexo que falta e que é preciso encontrar. A segunda cena se revelou, pela elaboração analítica, ter a função de representar uma suplência a esse saber em falta. Suplência é um termo que nos evoca a psicose. A noção de foraclusão generalizada nos permite não recusá-lo. Mas precisemos que, se é de um delírio que se trata, é um delírio bem particular, o que caracteriza a neurose e, efeito da operação paterna, o lugar em que se inscreveria esse saber sobre o sexo. E, com efeito, nessas cenas, assim como na fantasia *Bate-se numa criança*, o pai nunca está ausente, senão como parceiro, pelo menos como terceiro, figurando uma interdição e situando, como tal, a transgressão.

O que é que essa suplência de saber trazia ao sujeito? Como, no primeiro caso, uma distribuição dos papéis sexuais, uma identificação dos sexos, mas, de maneira estritamente

freudiana, em sua relação ao órgão fálico como presente ou em falta. O sujeito podia, assim, se confortar pela segurança de ser de seu sexo, pela identificação inconsciente do objeto da demanda ao falo e a identificação do falo a seu órgão. Paralelamente a essa satisfação identificatória, essa cena figurava as modalidades, as condições de uma satisfação pulsional que não tem nada de sexual, no sentido genital, uma satisfação que permanecia ignorada por ele próprio, em sua manobra, e para a qual, claro, o parceiro era apenas um pretexto.

A questão crucial não é mais agora a da função dessa cena, da qual vimos que é uma resposta para e no Outro, mas a do esclarecimento, pelo sujeito e pela análise, dessa função. Como, em nosso caso, o sujeito chegou a esse ponto em que a tela da fantasia foi atravessada?

A prova da transferência se confirmou como essencial, em dois tempos. A elucidação da transferência permitiu, num primeiro tempo, a tomada de consciência da rivalidade com o pai, o que tomou a forma de uma afirmação penosa. Isso permitiu o desvelamento da função que o sujeito fazia o pai representar, garantir uma atribuição que seria também uma encarnação possível do falo. Digamos que esse primeiro tempo levantou a opção de uma encarnação do falo, opção sempre tomada do lado do Outro e se suportando da instituição do sujeito suposto saber. Mas a transferência operou também, no segundo tempo, graças à confiança concedida ao analista, que propôs ao sujeito um mais-além à pacificação que decorria de sua descoberta da função que ele fazia o pai representar e de que ele não tinha *a priori* razão para não se satisfazer. Mas é verdade também que se a pulsão não pode ser domada, pacificada e, por conseguinte, a relação ao pai que a vela, não há razão para se satisfazer com a forma de absolvição que confere a afirmação e depois o reconhecimento da impossibilidade de encarnar o falo. O sujeito, pois, continuou seu trabalho até a interpretação surpreendente, quase traumática, que o petrificou e que ele aceitou levar a sério, retirando-lhe conseqüências. As conseqüências, em questão, dizem respeito a um limite, não apenas ao ter, mas ao saber. O sujeito se confrontou com o impossível do saber sobre o sexo, a partir do impossível em dizer o que é "A" mulher, no que a faz não-toda fálica. Esse impossível se atém à própria estrutura do Outro e diz respeito, pois, tanto ao pai – ideal – quanto a ele próprio – destituição subjetiva –, e ao analista – dessuposição de saber. Fazer ato com essas impossibilidades é, pois, correlativo de um luto, um luto de saber que, mais-além da dor pela qual ele é acompanhado, permite

ao sujeito uma nova relação tanto ao saber quanto ao sexo. Uma observação ainda à respeito da interpretação que operou: além do fato de que é impossível narrá-la, é inútil fazê-lo. Com efeito, a ser repetida fora de seu contexto, ela só pode suscitar, como sempre, nesses casos, uma perplexidade mais ou menos benevolente. Ela só se expressou a partir do trabalho previamente efetuado pelo sujeito, ao suspender sua certeza de se reconhecer na diferença dos sexos. Esse ponto de franqueamento revelou, também, mais-além do plano da identificação, que a atividade própria do sujeito, e figurando na cena da lembrança, representa, de fato, sua satisfação pulsional, uma satisfação que podemos dizer real, mais-além das satisfações identificatórias. Essa satisfação é pulsional, a-sexual, acéfala, mas no entanto, sua: "Isso", o que estava para o sujeito em jogo, ele ia ser forçado de se reconhecer aí, mas, no próprio momento em que essa satisfação lhe aparecia, ela já tinha empalidecido até sumir.

Esse sujeito, pelo esclarecimento de um saber que construía, para ele, a partição sexual e que, enquanto era inconsciente, impunha-lhe a prova repetida da verificação de sua pertinência ao campo caracterizado pelo ter, passou, pois, à dupla prova do saber sobre uma ignorância irremediável e da ex-sistência da pulsão. Ele mede, *a posteriori*, como esse ponto de ignorância era, anteriormente, velado pelo semblante fálico.

Último ponto. Parece também, sem que o sujeito tenha sido, sobre essa questão, muito eloqüente, que esse ponto de ignorância, de que o sujeito se defendia, anteriormente, esteja no fundamento do desejo que sustenta sua prática de psicanalista. Em todo caso, ao mesmo tempo que assinala uma modificação, em sua relação com o Outro sexo, ele assinala uma modificação no estilo de relações que ele estabelece com seus pacientes.

Tradução
Rosângela Ramos Corgosinho

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1909) Análise de uma fobia de um menino de cinco anos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. X.

FREUD, Sigmund. (1909) Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. X.

FREUD, Sigmund. (1918 [1914]) História de uma neurose infantil. "O homem dos lobos". In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVII.

FREUD, Sigmund. (1919) Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVII.

LACAN, Jacques. La direction de la cure. In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse.* Paris: Seuil, 1973.

resumo

Este texto aborda dois tipos de cenas primárias que podem ser encontradas em Freud: a primeira, no relato clínico sobre o "Homem dos Lobos" e, a segunda, em sua contribuição "Uma criança é espancada".
Todavia, o autor, Marc Strauss, acrescenta sua própria contribuição ao tema, nascida da experiência com o testemunho feito no passe, ao fim do tratamento psicanalítico.

abstract

This text deals with two kinds of primary scenes wich can be found in Freud: the first one, in the clinic report about the "Wolf's Man" and the second in his theory's contribution "A child is beaten". Meanwhile, the author, Marc Strauss, adds his owns' contribution to the theme, born in his experience with the witness made in the"pass trough", in the end of a psychoanalysis' treatment.

palavras-chave

cenas primárias, encontro sexual, impossível, tratamento psicanalítico, imaginário.

key words

primary scenes, sexual meeting, impossible, psychoanalysis treatement, imaginary.